

OS CONCEITOS DE SÍMBOLO E DE FUNÇÃO ESTRUTURANTE COMO PONTE ENTRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA, A PSICOLOGIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E AS NEUROCIÊNCIAS

Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

O século XX assistiu ao desabrochar da Psicologia Moderna entre três grandes parâmetros. De um lado, a Psicologia Dinâmica, baseada na função da Consciência e no desenvolvimento da personalidade a partir das motivações dos processos inconscientes. Do outro, a Psicologia Comportamental, descrevendo o funcionamento da personalidade através de condicionamentos sujeitos à educação, que foram ampliados por estudos dos processos cognitivos. Nas últimas décadas do século, ocorreu um terceiro parâmetro que foi um extraordinário desenvolvimento no conhecimento do sistema nervoso, especialmente do cérebro e da psicofarmacologia. O aprimoramento tecnológico do método de estudo da neuroimagem, aliado às descobertas de novos neurotransmissores e de seu funcionamento bioquímico, produziram um desabrochar significativo das neurociências, que aproximou a polaridade mente-corpo de uma maneira muito mais íntima e instigante do que até então.

O Sistema Nervoso Reúne as Polaridades

A Consciência é a parte da personalidade que articula os pensamentos, emoções e reações do mundo interno com o conhecimento e funcionamento do mundo externo. Para fazê-lo, ela estrutura um Ego, que representa as características do sujeito, e forma também representações do não-Ego, do Outro. Assim a polaridade Ego-Outro forma a Consciência e dá origem à maneira polar de pensarmos o mundo e a vida. Por isso, nosso pensamento funciona em polaridades, como mente-corpo e inconsciente-consciente. Isto nos faz crer que

¹ Palestra pronunciada na Faculdade de Medicina da Universidade Central da Venezuela, em 14 .06.07.

² Médico Psiquiatra e Analista. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e membro da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
site: www.carlosbyington.com.br; e-mail: c.byington@uol.com.br;

nós e o mundo somos duas realidades completamente diferentes, o que, no entanto, é uma ilusão tão grande quanto o movimento do Sol em torno da Terra, cujo desmascaramento deu origem à ciência moderna. Para nos livrarmos da ilusão da dicotomia Ego-mundo foram formuladas muitas maneiras de pensar. O Budismo, por exemplo, concebeu o Nirvã, a Iluminação, e o Hinduísmo, o Samadhi, a libertação. Ambos os conceitos transcendem as polaridades para nos perceber e ao Universo como um só. Ora, só podemos chegar a esta conclusão após um grande desenvolvimento espiritual, se essa descoberta já existir como uma realidade em nós mesmos. Estudando neurologia, percebi que não somente essa identidade do Ego com o mundo existe em nós, como ela é a maneira do sistema nervoso funcionar subjacente à Consciência.

Assim pensando, formulei os conceitos de **símbolo** e de **função estruturante**, que reúnem as polaridades na elaboração simbólica para formar e operar a Consciência.

Dentro desta perspectiva, tudo é símbolo, inclusive o pensamento e a conduta. O frio do inverno, a raiva de alguém, a vontade de comer um doce, o sol poente, a chuva caindo, são representativas de um sem número de características simbólicas. E todas as funções da vida são funções estruturantes da Consciência através da elaboração simbólica. Ao agasalhar-me estou me protegendo do frio e logo percebo se me sinto melhor ou se preciso de outro agasalho. Nessa pequena elaboração, aprimorei a identidade do Ego e do Outro através do símbolo estruturante do agasalho e da função estruturante do agasalhar. A interação dos símbolos e funções estruturantes constitui o processo de elaboração simbólica, que é o centro da atividade psíquica consciente e inconsciente para operar e transformar a Consciência e o Self.

Toda afirmação científica necessita de uma demonstração para sua verificação. A dificuldade de comprovação dos fenômenos inconscientes foi um dos principais argumentos de Eisenck para criticar a Psicanálise e eleger a Psicologia Comportamental (Eisenck, 1960). A idéia de que o sistema nervoso opera simbolicamente reunindo o subjetivo com o objetivo, e o consciente com o inconsciente, pode ser constatada com inúmeras técnicas laboratoriais. É um fato hoje sabido, graças à neuroimagem, que, quando o sujeito observado lembra uma canção, determinada zona de seu cérebro é ativada e representa um aumento de fluxo sanguíneo. Esse aumento pode ser tanto mais significativo quanto maior for a emoção vinculada à canção. Assim, observa-se que, se a vivência de um símbolo é

acompanhada de forte emoção, seu registro no hipocampo será mais intenso. Estes fatores demonstram que a elaboração simbólica da percepção no sistema nervoso não separa, mas, pelo contrário, reúne inteligentemente o subjetivo e o objetivo, a razão e a emoção. Tanto mais o subjetivo é carregado de energia, isto é, de emoção, mais o sistema nervoso o registra na memória.

Ao criticar a despreocupação da Psicanálise em demonstrar cientificamente a existência do inconsciente, Eisenck não tomou conhecimento dos experimentos de associação de palavras de Jung, que originaram, inicialmente, o conceito de complexo e, mais tarde, de arquétipo. Através destes experimentos, antes mesmo de conhecer Freud pessoalmente, Jung demonstrou fartamente que a razão da alteração no padrão de resposta de uma palavra-estímulo pode ser inconsciente e inexplicável para o sujeito da experiência, mas perfeitamente comprovada objetivamente. Estes fatos são facilmente demonstrados e atestam a afirmação de que os símbolos e funções estruturantes, cuja elaboração se desdobra na polaridade Ego-Outro, mente-corpo e consciente-inconsciente, constituem uma unidade operativa no funcionamento do sistema nervoso, que estrutura e opera a Consciência.

A Ligação da Parte com o Todo

O símbolo e a função estruturante ligam a parte com o todo através dos seus significados. Ampliei o conceito de Self Individual, de Jung, que abrange a totalidade consciente-inconsciente na personalidade, para incluir todas as dimensões existenciais que formam sistemas, como, por exemplo, o Self Familiar, no sistema familiar; o Self Cultural, na sociedade; o Self Planetário, no Planeta e o Self Cósmico, no todo universal.

A ligação do símbolo e da função estruturante com o Self, ou seja, da parte com o todo, se faz através da **função transcendente da imaginação** consciente e inconsciente. Jung chamou-a **transcendente** porque os símbolos transcendem a sua literalidade quando exercem suas características simbólicas. Pelo fato de a totalidade mais ampla do Self ser cósmica, os significados dos símbolos e das funções estruturantes são infinitos, pois abrangem desde a realidade mais próxima e pessoal do Ego até aquela mais distante, que representa o fenômeno universal na Consciência. A função transcendente da imaginação se expressa pela associação dos símbolos e funções estruturantes que incluem a metáfora. A

demonstração do seu funcionamento no sistema nervoso está, por exemplo, na função estruturante das várias formas de criatividade. Desconheço uma capacidade maior de criatividade do que aquela que vemos nos sonhos e na formação dos sintomas. Durante minha prática clínica já ouvi muitos milhares de sonhos e acompanhei outros tantos sintomas, mas nunca vi dois deles iguais. A maneira de cada paciente vivenciar o sintoma e reagir à medicação é também absolutamente variável, porque é sempre única.

O Arquétipo Central opera no Corpo e na Mente

Baseado na teoria do Processo de Individuação da Psicologia Analítica, considero a capacidade prospectiva dos símbolos inseparável da função transcendente da imaginação na busca da totalidade. Jung denominou Self ao arquétipo que articula os símbolos com a totalidade, mas algumas vezes o denominou também Arquétipo Central (Jung, 1912). Prefiro denominar este arquétipo de Arquétipo Central e separá-lo do conceito de Self, que abrange o consciente e o inconsciente, para evitar ambigüidade.

Pelo fato de usar o conceito de símbolo e função estruturante para expressar a mente e o corpo no sistema nervoso, assim também o faço com o conceito de arquétipo e, sobretudo, com o principal deles, que é o Arquétipo Central, que coordena toda elaboração simbólica do Processo de Individuação. Considerar sua presença e atuação no sistema nervoso é algo muito difícil, e que desperta intensas resistências, pelo fato de ele ser também o responsável pela expressão da imagem de Deus nas religiões. Assim, conceber a existência do Arquétipo Central no sistema nervoso equivale a encontrar a raiz da religião dentro do nosso corpo, o que incomoda aqueles que separam ciência de religiosidade. Felizmente, já há exceções para essa maneira de pensar, como, por exemplo, Einstein, que considerou o físico teórico um dos principais professores de religiosidade no mundo moderno, pelo fato de se ocupar da maior transcendência possível, que é o estudo da grandeza e da natureza do universo (Einstein). No entanto, apesar dessa resistência, a Medicina e a Neurologia caminham para poder aceitar o conceito de Arquétipo Central para abranger a polaridade mente-corpo no funcionamento da Consciência, apesar de haver ainda um grande percurso pela frente.

Qualquer clínico sabe associar a taquicardia, a febre, as modificações do hemograma, a inapetência e o desânimo com um quadro infeccioso. No entanto, ele aprende a ligar esses sintomas com a infecção sem pensar na hipótese da existência de uma função centralizadora no corpo do paciente, que articula significativamente essas manifestações. A Neurologia reconhece a função centralizadora do hipotálamo e caminha para explicar as associações das funções normais e patológicas através dos circuitos neuronais. Desta maneira, a hipótese da presença de uma estrutura genética no sistema nervoso, que denomino Arquétipo Central, cuja função é coordenar as manifestações normais e patológicas no corpo como um todo é cada vez mais plausível.

O Ego e o Arquétipo Central

A Psicologia Dinâmica centralizou a formação do Ego e os sintomas da patologia mental, principalmente nos processos inconscientes. Continuando a obra de Jung, Michael Fordham descreveu a formação do Ego a partir do Arquétipo Central (Fordham, Children) e Erich Neumann acrescentou os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal (Neumann, 1970). Ampliei esses dois arquétipos para abranger, cada um, o homem e a mulher (Byington, 2004). Nesse caso, o matriarcal não se reduz à mãe e à mulher, mas é concebido como o arquétipo da sensualidade, e o patriarcal não se reduz ao homem, mas é definido como o arquétipo da organização.

Desta maneira, podemos ter como hipótese que não somente o Arquétipo Central existe no sistema nervoso, como também o Arquétipo Matriarcal e o Arquétipo Patriarcal. Nesse caso, em linhas gerais, o matriarcal se expressa principalmente pelo dinamismo emocional – musical – imagético, pelo sistema límbico, vegetativo e neuroendócrino, e também, em boa parte, pelo hemisfério cerebral não dominante, que geralmente é o direito. Já o patriarcal é manifesto fundamentalmente pela dimensão cognitivo-racional, pelo sistema cérebro-espinhal e pelo hemisfério cerebral dominante, que geralmente é o esquerdo. Estas vias neurológicas de expressão arquetípica são apenas preferenciais, e não exclusivas.

A Onipotência ou A Inflação do Ego

O Arquétipo Central é virtual e o Ego é a sua realização encarnada. A estruturação do Ego ocorre por uma alternância de apego e desapego nos relacionamentos, durante os quais o Ego vai estabelecendo a identidade e se diferenciando dentro do Self. Forma-se, assim, o Eixo Simbólico (Eixo Ego-Self, de Neumann), ao longo do qual situam-se inúmeros símbolos e funções estruturantes em fases diferentes de elaboração.

No processo de elaboração simbólica, o Ego se transforma indiscriminando-se pelo apego e novamente se discriminando pelo desapego. Devido ao fato de todos os símbolos e funções estruturantes serem arquetípicos, sua carga energética tem o poder maior ou menor de discriminar o Ego. Durante essas indiscriminações, o Ego freqüentemente sente-se como se ele fosse o arquétipo dando origem ao fenômeno que a Psicanálise chamou de onipotência e a Psicologia Analítica, de inflação. Nesse estado o Ego pode tomar decisões e assumir atitudes desequilibradas, que os gregos também identificaram e chamaram *hybris*, que definiam como a perda da justa medida.

O Inconsciente Reprimido e a Sombra As Funções Estruturantes Normais e Defensivas

A principal disfunção do processo de elaboração simbólica é a fixação, descrita por Freud junto com a formação de defesas e o inconsciente reprimido. Modifiquei o conceito de Sombra, de Jung, para englobar ambos os sexos e poder atribuir sua gênese também às fixações. Desta maneira, podemos conceber as defesas originando-se em símbolos e funções estruturantes normais que sofreram fixações e se tornaram defensivos.

Assim sendo, os conceitos de símbolo e de função estruturante tornam-se uma ponte entre o funcionamento normal e o patológico de todas as dimensões do Self, sendo especialmente úteis para perceber as analogias entre o desenvolvimento normal e patológico da Consciência Individual e Coletiva.

A Transferência

Concebida como uma importante função estruturante, a transferência descrita por Freud como a projeção no analista do Complexo de Édipo mal resolvido é uma função estruturante defensiva. Já a transferência descrita por Jung como uma função de relacionamento na individuação é uma função estruturante criativa.

A Individuação e a Individualidade

Talvez a característica mais extraordinária do Arquétipo Central, que surge durante a coordenação da elaboração simbólica e a formação da identidade do Ego e do Outro na Consciência, seja o fenômeno da individualidade. Foi por isso que Jung denominou o desenvolvimento do Self pelo Arquétipo Central de processo de individuação. Este conceito fundamenta genética e psicologicamente uma das maiores aquisições dos direitos humanos, que é o reconhecimento do potencial e da vocação de cada pessoa para se tornar um todo único.

A Tipologia Junguiana e a Individuação

Há que se ressaltar também a importância da tipologia junguiana descrita com base nas quatro funções da Consciência: pensamento, sentimento, sensação e intuição, conjugadas às duas atitudes: introversão e extroversão. Os tipos psicológicos são muito importantes para compreendermos as inteligências múltiplas do Ser, que buscam a individuação por caminhos típicos, mas completamente diferentes.

O Vácuo Pedagógico da Psicologia Dinâmica

A ênfase dada aos processos inconscientes na Psicologia Dinâmica, na teoria, mas, sobretudo no método e na relação terapêutica, deixou uma grande lacuna pedagógica na Psicologia. A técnica do divã, ilustrando a passividade e a posição assimétrica do analista na relação com o analisando e com a interpretação do seu inconsciente, representa

simbolicamente uma pedagogia antiquada e incompetente, quando comparada a métodos pedagógicos da modernidade. Com isso, **desperdiça-se enormemente a capacidade de aprendizagem de reações saudáveis no lugar das reações doentias**. A mesma interpretação se repete à exaustão, e a dificuldade no aprendizado é atribuída unicamente à resistência do paciente, e não também ao terapeuta e nem, sobretudo, ao **método de ensino antiquado adotado**. Os que costumam a aprender devem simplesmente repetir o ano. O tratamento, assim, torna-se longo, dispendioso e freqüentemente interminável, sem que nenhuma medida seja tomada para melhorar o método de aprendizagem.

Mais grave ainda é que, no método clássico de terapia pela Psicanálise, ao qual me submeti durante quatro anos, o analista **jamais** deve ensinar qualquer coisa ao paciente, pois isso prejudicaria sua aprendizagem através do *insight* vindo do inconsciente.

Fica claro, assim, que a centralização do método psicanalítico no *insight* vindo do inconsciente impediu radicalmente o auxílio pedagógico para as transformações do Ego, seja para descondicionar as defesas, seja para reforçar positivamente o desenvolvimento das funções estruturantes normais.

O Início da Pedagogia na Psicologia Analítica

Ao introduzir a técnica face-a-face, Jung assinalou claramente a introdução do método pedagógico construtivista na psicoterapia. Além disso, a adoção, por ele, das técnicas expressivas de desenho, pintura e, sobretudo, da imaginação ativa, foram grandes avanços pedagógicos aliados à psicoterapia dinâmica. A técnica da caixa de areia, de Dora Kalff, e a minha técnica das Marionetes do Self (Byington) também são métodos pedagógicos que podem contribuir para a elaboração simbólica na terapia e no ensino.

As Técnicas Corporais e Dramáticas

Ultrapassando a escassez pedagógica da Psicanálise, além daquelas já citadas na Psicologia Analítica, muitas técnicas expressivas foram desenvolvidas por diferentes autores, que fundaram novas escolas de terapia. Destacam-se, sobretudo, a teoria e a técnica de Reich, ramificada na Bioenergética e na Psicossíntese, a teoria e técnica do Psicodrama, de Moreno e a *Gestalt*, de Pearls.

Chama a atenção, porém, o fato de não se ter tomado conhecimento da obra de Pavlov na Psicologia Dinâmica e, por conseguinte, de não se ter percebido que **as defesas eram condicionamentos que, por isso, resistiam à mudança**. A importância atribuída à influência do fator inconsciente foi tão forte na Psicologia Dinâmica e a percepção consciente pelo *insight* foi por ela tão glorificada, que se tratou a **resistência que permanecia depois do *insight*** como uma espécie de teimosia, que poderia ser ultrapassada pelo paciente se ele assim o quisesse, e, por conseguinte, não precisaria de qualquer ajuda do terapeuta. Foi este, a meu ver, o principal fator que deixou o enorme vácuo na corrente psicodinâmica, que foi ocupado de forma crescente pela corrente comportamental em conjunto com o desenvolvimento das neurociências e a terapia farmacológica da doença mental.

A Psicologia Comportamental e o Descondicionamento das Defesas

Os reflexos condicionados foram descobertos por Pavlov (1849-1936) que, por isso, recebeu o Prêmio Nobel da Medicina em 1904. Suas pesquisas foram mundialmente reconhecidas nas Ciências Humanas e deram origem à Psicologia Comportamental, que se desenvolveu extraordinariamente em muitos países, influenciando a Pedagogia das mais variadas maneiras. Ela se destacou nos meios acadêmicos por permitir o emprego do método estatístico nas respostas de aprendizado dos animais e dos humanos. Foi representada inicialmente por Watson (1919) e, posteriormente, por Skinner (1953), ambos nos Estados Unidos, e por Eisenck (1953), Na Inglaterra. É de se notar também a influência do trabalho pioneiro de Joseph Wolfe, da África do Sul, sobre o descondicionamento pela dessensibilização sistemática de reações fóbicas (Wolfe, 1958).

Os posicionamentos de Skinner (1953) e de Eisenck (1960) a favor da teoria comportamental negam basicamente os processos inconscientes e se concentram principalmente na modificação da conduta para tratar as neuroses. Os tratamentos dos transtornos da ansiedade apresentaram resultados animadores, mas o mesmo não aconteceu com o tratamento da depressão. Pelo fato de as situações fóbicas serem freqüentemente relacionadas com agentes externos específicos, como, por exemplo, as fobias fixas, a claustro e a agorafobia, é muito mais fácil elaborar o seu descondicionamento do que a depressão.

A Psicologia Comportamental, as Neurociências e a Farmacoterapia

As décadas de 50 e 60 marcaram a transição da ênfase dada pela Psicologia Dinâmica à compreensão das causas das neuroses e à modificação do comportamento trazida pela Psicologia Comportamental, de um lado, para a influência assertiva sobre os processos cognitivos baseada nos condicionamentos, do outro. **O estudo emergente dos processos cognitivos reuniu o raciocínio psicodinâmico à assertividade da corrente comportamental para o tratamento das neuroses.** Logo se percebeu que as funções estruturantes elaboradas como defesas na Psicologia Dinâmica eram processos mentais condicionados e que, por isso, estavam sujeitos a ser tratados pelas técnicas de descondicionamento da Psicologia Comportamental. Começaram, assim, a surgir trabalhos oriundos de profissionais influenciados por ambos os campos, como, por exemplo, a terapia de Emoção Racional, de Ellis, em 1962, a Terapia Cognitiva da depressão, de Aaron Beck, em 1967, e a terapia da depressão baseada em descondicionamentos, de Lewinsohn, em 1969, entre outros.

Esta conduta assertiva de descondicionamentos de processos cognitivos em quadros de ansiedade e depressão aliou-se, nas décadas de 50 e 60, ao desenvolvimento das neurociências e dos psicofármacos ansiolíticos, antipsicóticos e antidepressivos, que vêm se aperfeiçoando cada vez mais até hoje. Esta aliança aumentou extraordinariamente a assertividade do médico diante da doença mental.

O Perigo da Onipotência devido à Assertividade Médica

A punição de Prometeu e da serpente junto com Adão e Eva bem atestam que o poder do saber foi sempre visto como uma ameaça à segurança da humanidade. Nesse sentido, Freud reconheceu a descoberta dos processos inconscientes como um dos grandes fatores de diminuição da onipotência narcísica do ser humano, ao lado do heliocentrismo, descoberto por Copérnico, e da teoria da evolução, formulada por Darwin.

A assertividade da atuação da Psicologia Cognitivo-Comportamental e da Psicofarmacologia sobre a psique corre o risco de desconsiderar os fatores inconscientes no funcionamento da psique e de subordiná-lo exclusivamente ao Ego do terapeuta. Quando isto acontece, trata-se da atuação do Ego do terapeuta como se ele o Arquétipo Central fosse, originando a conduta onipotente. Essa atuação desconsidera a contextualização do sintoma como símbolo e função estruturante do processo de individuação, que necessita ser elaborado para se resgatar o sentido da função estruturante normal do interior da sua atuação defensiva. Quando isso não é feito, as pessoas são medicadas, descondicionadas e condicionadas para adquirir a personalidade que o terapeuta acha normal. Foi exatamente essa onipotência das neurociências que Mary Shelley denunciou com sua metáfora de Frankenstein.

É importante notar que esse divisor de águas que se estabeleceu entre a medicação e o condicionamento da personalidade do paciente em função do que o terapeuta acha que deva ser o normal e a elaboração simbólica do sintoma dentro do processo de individuação esteja ocorrendo em torno da função estruturante da depressão.

A Função Estruturante Normal e Patológica

Dentro do processo de individuação, considero a função estruturante da depressão como aquela que acompanha o Ego no desapego e na morte para renascer e transformar-se durante as etapas da vida. Nesse processo, o Ego cede o seu poder para ser transformado pelo Arquétipo Central. Trata-se de uma vivência de transcendência e de humildade, que impede a onipotência do Ego, pois o conduz a perceber que ele é regido por um poder psicológico maior. Sartre escreveu que só temos o livre arbítrio para sermos nós

mesmos, e Heidegger acrescentou que a autenticidade humana depende da autenticidade do Ser. É exatamente durante a elaboração simbólica do sintoma, da medicação e da psicoterapia que terapeuta e paciente descobrem a identidade única de cada pessoa.

A função estruturante da depressão normal conduz o Ego a vivenciar seu caminho de autenticidade, que inclui, necessariamente, a elaboração de suas fixações oriundas de suas vivências não elaboradas, que formam a sua Sombra. Por conseguinte, a depressão patológica e defensiva necessita ser tratada simbolicamente em função do resgate da depressão normal, pois esta é inseparável da função ética, que discerne entre o Bem e o Mal no processo de individuação.

A Terapia Cognitivo-Comportamental

É dentro desse divisor de águas que quero chamar a atenção para o significado da proposta de Aaron Beck para o tratamento da depressão. É importante considerar que o *Beck's Depression Inventory* não inclui nenhum item sobre o contexto existencial em que o sintoma está ocorrendo, o que retira completamente o sentido simbólico da depressão no diagnóstico final.

O fator mais significativo na Teoria Cognitivo-Comportamental de Beck, que a distingue de toda a aproximação da Psicologia Dinâmica da Psicologia Cognitivo-Comportamental, é ter ele assumido, sem qualquer fundamento plausível, que a depressão não é um distúrbio de humor, e sim, primariamente, um transtorno do pensamento. A partir dessa modificação conceitual da depressão, Beck inaugurou uma teoria cognitivo-comportamental, que passou a se considerar uma nova corrente de Psicologia. Com isso, a função pensamento foi promovida ao centro do processo cognitivo e a base da explicação de todos os fenômenos mentais, sendo a depressão patológica diagnosticada como uma maneira doentia de pensar.

Desde o racionalismo vindo do Iluminismo, quando a musa Razão foi coroada em Paris como a musa do materialismo científico, não se via uma apologia tão grande da função pensamento.

O importante, porém, é que, apesar da onipotência dessa posição teórica racionalista, que desvincula o Ego racional da sua subordinação aos processos emocionais

inconscientes e ao Arquétipo Central, observa-se uma grande adesão a essa teoria cognitiva, sobretudo como coadjuvante do tratamento psicofarmacológico. Acredito que essa grande adesão ocorreu porque o racionalismo de Beck se adapta à dissociação subjetivo-objetivo da medicina, que separa a relação mente-corpo e repudia as funções da emoção, do sentimento, da intuição, isto é, do irracional no método científico.

A Perspectiva Simbólica Arquetípica e a Psicologia Cognitivo-Comportamental

A teoria do processo de individuação da Psicologia Analítica e a técnica de elaboração simbólica de sua psicoterapia, dentro da relação transferencial da Psicologia dinâmica, nos permite uma aproximação com a Psicologia Cognitivo-Comportamental, as Neurociências e a Psicofarmacologia sem perder as raízes do desenvolvimento normal e patológico na integridade do ser.

Para isso, porém, é necessário que se mantenha a teoria do desenvolvimento psicológico normal e patológico dentro do contexto simbólico, para que só se medique e se descondicione um sintoma buscando resgatar o seu funcionamento estruturante normal dentro do Self.

Nesse caso, as técnicas expressivas desenvolvidas por todas as escolas de psicoterapia podem ser aproveitadas para descondicionar defesas e para dar reforço positivo às estruturas normais, desde que elas sejam elaboradas simbolicamente dentro do processo de individuação de cada pessoa.

Referências Bibliográficas

Beck, Aaron (1967). *Depression, Causes and Treatment*.

_____ (1976). *Terapia Cognitiva dos Distúrbios Emocionais*.

_____ (1979). *Cognitive Therapy of Depression*.

Beck, Judith S. *Terapia Cognitiva – Teoria e Prática*. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

Byington, Carlos A. B. (19??). *As Marionetes do Self*.

_____ (2004). *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: W11 Ed., 2004.

Einstein, Albert (??). *The Universe as I see It*

Eisenck, Hans J. (1960). *Behaviour Therapy and Neuroses*. Oxford: Pergamon, 1960.

Ellis, (1962). *Rational Emotional Therapy*.

Fordham, Michael (??). *Children as Individual*.

Jung, C. G. (1912).

Neumann, Erich (1970). *The Child*.

Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: Free Press, 1953.

Watson, John B. (1919). *Psychologist from the Standpoint of a Behaviorist*.